

## À volta de uma taça de chá: a construção da referência

Clara Nunes Correia, Helena Alzamora & Teresa Oliveira

**Abstract:** What text is that? Who are these characters? What story is this? – These are some of the questions we ask ourselves when we are faced with the object that supports and motivated this paper - the text by Almada Negreiros – “A Taça de Chá” (The Cup of Tea). In order to find the answers to these questions, an attempt will be made to identify the forms and constructions that allow the reader to (re)construct the reference associated with the story being told. Thus, based on the description of the different sequences that make up this text, it is discussed which mechanisms allow us to highlight the semantic values that the different textual configurations bring about. Starting from the hypothesis that there is a convergence of values that individualize the text under analysis and taking into account different parameters that constitute the utterances from the formal point of view (tense space/subject of the sequences), it will be shown that the analysis centered on a transcategorial point of view, as conveyed by the Formal Theory of Enunciation (TFE), is interesting and useful.

### Introdução: justificação de uma escolha

Este trabalho desenvolveu-se «à volta de uma taça de chá», e foi motivado pela leitura do breve texto de José de Almada Negreiros, intitulado “A taça de chá”, que o autor agrupou com outros textos, sob a designação de “*Frizos* (prosas)”, e publicou no primeiro número da revista *Orpheu*, em 1915 (ver anexo).

A história que nos é contada pode ser vista a partir de três momentos: no primeiro momento, descreve-se uma cena estática (um cenário onde se desenrola o momento seguinte); o segundo momento funciona como relato de um acontecimento que se observa em dois planos: o que vê e o que diz; finalmente, no terceiro momento, é gerado o anticlímax – não da ação – mas de tudo o que se contou. Este anticlímax é suportado por uma única frase que, no conjunto da ‘história’, funciona como localizador do que se contou, num espaço físico real.

Foi a partir desta observação que nos propusemos, como desafio, perceber de que modo o que nos é contado pode ser desvendado a partir da articulação das formas

e das construções linguísticas que integram essa ‘narrativa’, e como é que essas formas, no seu todo, convergem para a construção da referência. Para isso, apresentaremos algumas propostas que incidem, quer em valores tipicamente associados à referência nominal, quer em valores que decorrem do agenciamento de formas associadas aos parâmetros subjetivos e temporais-aspetuais. Deter-nos-emos, por isso, em algumas questões que podem delimitar (e definir) o papel da subjetividade no texto em análise, assumindo que esses valores decorrem da interação de categorias gramaticais como a determinação, o tempo, o aspeto e a modalidade.

O percurso que seguiremos percorre uma leitura suportada em trabalhos desenvolvidos sobretudo no âmbito da TFE. No entanto, porque considerámos que o estudo de um texto, qualquer texto, ganha com o seu enquadramento enquanto objeto de estudo, socorremo-nos das propostas feitas sobretudo por Bronckart (2008) , por nos propor uma articulação consistente entre gramática e texto: «Les mondes discursifs se différencient (...) par des modalités spécifiques d’organisation temporelle et acto-

rielle, qui sont traduites dans les types discursifs par des distributions différenciées des marques ayant trait à ces deux mêmes domaines. (...)».

### **1. Abertura: Qualquer situação linguística construída pelos falantes de uma língua é localizada em relação ao Sistema Referencial (Sito)**

O texto de Almada Negreiros inicia-se com uma aparente descrição que se transforma numa estrutura que suporta uma narração:

«*O luar **desmaiava** mais ainda uma máscara caída nas esteiras bordadas. E os bambús ao vento e os crysanthemos nos jardins e as garças no tanque, gemiam com elle a advinharem-lhe o fim. Em rôda tombávam-se adormecidos os ídolos coloridos e os dragões alados. (...)»*

Ao observarmos este excerto (início do ‘frizo’), podemos verificar a presença constante de expressões nominais especificadas por marcas de definitude, reforçando-se, assim, por um lado, uma vertente descritiva, assente simultaneamente num pré-construído (conhecimento partilhado sobre a representação de um objeto), e, por outro, na descrição de uma paisagem cenográfica que se observa. Neste processo de construção da referência, o valor de identificação qualitativa marcado pelo determinante definido, em que o valor de qualidade (qlt) se sobrepõe à quantificação (qnt) – formalmente (qnt)qlt –, desencadeia uma leitura [+ discreta] da generalidade dos nominais presentes. A exceção a esta discretização nominal pode ser encontrada com o N «luar», curiosamente uma nominalização denominal, responsável pela localização da ‘cena’ que se observa em relação a um tempo cronológico específico: tudo se passa durante a noite. Por outro lado, as formas pluralizadas («crysanthemos nos jardins», por exemplo) reforçam a

quantificação não delimitada das entidades referidas.

À consistência das formas nominais, junta-se a sequencialidade igualmente consistente das formas verbais no imperfeito do indicativo. O imperfeito, na proposta de autores como Desclés (2000), Lebaud (1993), Sousa (1999), entre outros, marca a rutura entre dois planos enunciativos disjuntos:  $Sit_0$  e  $Sit_0'$ , permitindo a construção de uma leitura que inclui a continuidade (não télica) da situação descrita. Sendo uma constante, quando se fala de imperfeito, a existência de um localizador intermédio que permite a ligação (translação) entre os dois planos enunciativos, pode observar-se que, nesta sequência, esses localizadores não existem de forma explícita. Assim, é a relação que se estabelece entre os vários elementos presentes na composição do que se descreve («uma máscara caída nas esteiras bordadas») e a sucessividade de movimentos, todos eles construídos agora com predicadores eminentemente télicos («Deitou a cabeça nas esteiras», «a gueisha enrodilhou-se num labirinto que nem os dragões dos deuses (...)», «Ella, num grito de garça, ergueu alto os braços (...) e a saltitar foi pelos jardins a sacudir as mãos»), que permite esta ancoragem em relação ao momento da enunciação.

Como se pode observar, é a sucessividade de acontecimentos marcados pelo pretérito perfeito simples que permite que se dê a passagem para o novo plano da narração, parecendo plausível que seja esta sucessividade de acontecimentos que construa temporalmente uma deslocação no tempo e no espaço (o antes, o primeiro momento; o depois, o segundo momento). Sob o ponto de vista das formas, deve sublinhar-se a presença de *ir* e a construção perifrástica com valor interativo «(...) e a saltitar foi pelos jardins a sacudir as mãos (...)». Algumas das particularidades dos valores referenciais decorrentes do encadeamento

das formas e das construções verbais serão analisadas no ponto seguinte deste trabalho.

## 2. Formas, construções e configurações: a construção do tempo, do aspeto e da modalidade

A análise de algumas formas/construções verbais, bem como das configurações em que as mesmas ocorrem, põe em evidência que os valores de tempo, aspeto e modalidade marcados neste texto podem ser diversos, podendo, até, haver sobreposição de valores, como se evidencia pela análise dos dois conjuntos de exemplos que se apresentam abaixo. Em A, analisar-se-ão sequências em que duas predicções no pretérito perfeito se articulam através do uso da conjunção *e*; em B, dar-se-á particular atenção aos valores gramaticais desencadeados pela construção *C<sub>0</sub> a V<sub>inf</sub>* e pelas configurações em que a mesma se inscreve.

A.

(1) *Elle, (...), fechou-lhe os lábios co'as pontas dos dedos, e disse (...)*

(2) *Deitou a cabeça nas esteiras e ficou.*

B.

(3) *E os seus olhos rasgados, perolas de Nankim a desmaiar-se em água, confundiam-se scintillantes no luzidio das procelanãs.*

(4) *Elle (...) disse a finar-se (...).*

(5) *E Ella (...) a saltitar foi pelos jardins a sacudir as mãos (...).*

As propriedades das formas e das construções verbais presentes nestes exemplos e a deformabilidade a elas inerente permitem desencadear a marcação de diversos valo-

res gramaticais, nomeadamente, valores de:

– Sequencialidade – (1) fechou e disse | (2) deitou e ficou

– Sobreposição e Duração – (3) a desmaiar-se (...), confundiam-se | (4) disse a finar-se | (5) a saltitar foi pelos jardins a sacudir as mãos

– Progressividade e Telicidade – (3) a desmaiar-se | (4) a finar-se

– Intermitência ou Iteratividade – (5) a saltitar foi pelos jardins a sacudir as mãos

Nos exemplos (1) e (2), o valor de sequencialidade decorre da sucessão de situações, marcada pelas predicções no pretérito perfeito, com valor aspetual perfeito, em conjugação com a conjunção coordenativa copulativa *e* [«fechou e disse» | «deitou e ficou»].

Nos exemplos (3), (4) e (5), e tendo em conta que as ocorrências linguísticas são formatadas de acordo com as zonas que ocupam dentro de um dado domínio nocional, observa-se que a construção *C<sub>0</sub> a V<sub>inf</sub>* está associada à localização de uma dada relação predicativa no interior do domínio nocional associado ao verbo no infinitivo.

A preposição *a* e o infinitivo, em coocorrência, marcam a construção de uma classe de instantes, definindo a duração de uma situação com fronteiras não definidas, localizando as ocorrências a partir de um ‘espaço’ temporal durativo-imperfeito. Topologicamente, os diferentes valores que lhe estão associados resultam da delimitação e da estruturação do domínio de validação da noção associada ao predicador, permitindo localizar a relação predicativa no interior do domínio, como validada.

Em (3), (4) e (5), é construído o valor temporal-aspetual de processo em curso, uma vez que a conjugação da construção *C<sub>0</sub> a V<sub>inf</sub>* com uma outra predicção no pretérito imperfeito (em (3)) ou no pretérito perfeito

(em (4) e (5)) desencadeia a marcação do valor temporal de simultaneidade em relação ao tempo localizador e o valor aspetual durativo-imperfeito. A construção *C<sub>0</sub> a Vinf* manifesta, nestas situações, valores que a aproximam do funcionamento das perífrases *estar a Vinf* e *ir a Vinf* (cf. Alzamora, 2018 e Alzamora & Correia, 2019).

Na construção desses valores interferem as propriedades das formas da construção, em particular, as propriedades do infinitivo, as propriedades topológicas da preposição *a* e as propriedades aspetuais dos predicadores.

O infinitivo é neutro quanto à referência temporal e reenvia para um domínio nocional, não havendo validação ou não-validação das ocorrências da noção (cf. Campos, 1998: 217). Com o uso do infinitivo é perspectivado o interior do domínio como validável, mas as ocorrências da noção não se encontram localizadas, nem saturadas (cf. Culioli, 1990: 210), sendo a localização operada pela preposição que com ele coocorre.

Afetada de valores gramaticais, a preposição *a* permite estabilizar o domínio nocional associado ao infinitivo, processando a ancoragem do domínio. Esta preposição permite associar uma ocorrência a uma determinada zona de um domínio nocional (cf. Franckel & Paillard, 1997, 2007; Costa, 2014). As operações associadas à preposição *a* delimitam uma fronteira espacial à direita e a preposição funciona como marcador da propriedade [+ fronteira temporal], pondo em evidência a passagem da fronteira de abertura do domínio e a localização de uma relação predicativa no interior de um domínio nocional.

Por outro lado, em (3) e (4), ao valor aspetual durativo-imperfeito associa-se o valor progressivo desencadeado pelas propriedades télicas dos predicadores («desmai-ar[-se]»; «finar-se»). A coocorrência com

estes predicadores, definidos aspetualmente como não-durativos, permite desencadear o valor modal de telicidade. A relação predicativa é localizada no interior do domínio, num percurso que visa atingir o telos.

Por sua vez, em (5), o mesmo valor temporal-aspetual articula-se com o valor aspetual iterativo. A iteratividade é marcada lexicalmente pelos predicadores, i.e., o valor iterativo é inerente ao próprio predicador verbal (*saltitar* depreende uma sequência de saltos; *sacudir* depreende agitar repetidas vezes [as mãos]), e reforçada pela interação da construção com o verbo *ir* e o adverbial *pelos campos*. As propriedades da preposição *por*, que se associa a movimento, quando marca o percurso de uma extensão entre limites, ou a duração, através do espaço, do tempo ou da noção, permitem, também, a construção das ocorrências plurais que se observam neste exemplo.

Assim, evidencia-se uma sobreposição de valores gramaticais na construção da referência, podendo assumir-se que a estabilidade associada às formas e construções verbais decorre das propriedades que as caracterizam, mas a sua deformabilidade também lhes é inerente, uma vez que essas propriedades, em particular, as propriedades topológicas e/ou as propriedades aspetuais e/ou as propriedades télicas, permitem a localização das ocorrências linguísticas e a construção, no texto, dos valores de tempo, aspeto e modalidade.

### 3. A construção da subjetividade no texto: *elle, ella* e os outros

Os valores de subjetividade são, igualmente, construídos no texto e permitem a localização das ocorrências linguísticas em relação à coordenada enunciativa S (sujeito).

O sujeito é construído através de operações enunciativas que o instituem em diferentes níveis: sujeito enunciador e coenunciador, sujeito locutor, sujeito do enunciado, entre outros (cf. Culioli, 1990: 116; Campos, 1998: 25-33). As várias instâncias subjetivas presentes num enunciado estabelecem relações de localização entre elas, de forma a construírem cadeias de referência que as estabilizam enunciativamente (cf. Oliveira, 2013: 188).

No texto em análise, de entre os sujeitos presentes, destaca-se o sujeito enunciador ( $S_0$ ), o narrador, responsável pelos momentos descritivos e narrativos, e que se coloca na posição de espectador-relator.

Por outro lado, identificados pelas marcas de 3.<sup>a</sup> pessoa, surgem diversos sujeitos do enunciado ( $S_2$ ), em rutura com o sujeito enunciador ( $S_2 \omega S_0$ ). Encontram-se nesta situação vários sujeitos gramaticais, inanimados e/ou não-humanos: «o luar», «os bambús», «os crysanthemos», «as garças», «os idolos coloridos» e «os dragões alados», mas também alguns figurantes humanos: «todos os que passavam», «os visinhos», «todos».

Os sujeitos do enunciado com maior destaque são as personagens principais da encenação montada por  $S_0$ : «Elle» e «Ella». «Elle» é o único que tem voz (e por isso torna-se sujeito locutor:  $S_1 = S_2$ ), mas está privado de ação, à exceção do movimento que acompanha a fala: «num gesto ultimo, fechou-lhe os labios co'as pontas dos dedos». É apresentado, primeiro, como moribundo e depois referido como «o morto». Como sujeito locutor ( $S_1 = S_2$ ), exhibe marcas de 1.<sup>a</sup> pessoa («peço», «me», «meu»).

Já «Ella» é dotada de ação, mas desprovida de voz humana («Ella, num grito de garça»), e é referida como «gueisha». Como sujeito interlocutor d'«Elle» ( $S'_1 \neq S_1$ ), é identificada pelas marcas de 2.<sup>a</sup> pessoa («te», «atraiço»).

As várias instâncias subjetivas constroem, pois, cadeias de referência, mas são estabilizadas enunciativamente, em última análise, pela sua localização em relação ao espaço 'cénico'. Na prática, é o espaço que organiza toda a 'história', servindo de localizador primeiro aos sujeitos.

Como foi observado acima, o texto inicia-se com uma descrição que se transforma numa estrutura que suporta uma narração: o «luar» é responsável pela localização da 'cena' no tempo cronológico da noite e, simultaneamente, fornece a luz que, progressivamente, vai iluminando o espaço cénico e revelando os diversos objetos presentes, os quais, por seu lado, delimitam um espaço geográfico relacionado com o Extremo Oriente. Entre esses objetos, está uma «máscara» que surge localizada em relação ao «luar», como segundo argumento da relação predicativa especificada pelo predicador *desmaiar*, de que é objeto direto.

Seguidamente, os «bambús», os «crysanthemos» e as «garças» permitem alargar a composição do cenário, localizando, respetivamente, o «vento», os «jardins» e o «tanque», enquanto, em conjunto, localizam um «elle» (ainda minúsculo), retomado pelo pronome pessoal «lhe».

O cenário continua a alargar-se, «em ródá» da composição previamente construída, que localiza, por seu turno, «os idolos coloridos e os dragões alados».

Surge então «a gueisha», marcada pela definitude que lhe advém do pré-construído, ou conhecimento partilhado, sobre a representação de uma cena orientalista. A «gueisha» serve de suporte às propriedades que lhe são atribuídas: «procelana transparente como a casca de um ovo da Ibis», [atitude/postura semelhante à dos] «dragões dos deuses em dias de lagrymas», «olhos rasgados, [como] perolas de Nankim a desmaiar-se em agua» que «[se] con-

fundiam scintillantes no luzidio das procelanas». A descrição da «gueisha» é construída de forma circular, começando e terminando nas «procelanas», que ela localiza e que retomam anaforicamente a «taça de chá» do título. Simultaneamente, a «gueisha» é localizada em relação aos «dragões dos deuses», que retomam anaforicamente os «dragões alados». Esta composição circular está sintetizada no predicador «confundiam-se».

O segundo momento começa com um «E-le», que retoma anaforicamente o «elle» do primeiro momento e que serve de localizador ao «Ella», que retoma a «gueisha» e é retomado pelo pronome «[fechou-] lhe». Este «E-le» é antecedente do sujeito nulo que «[d]eitou a cabeça nas esteiras», expressão que retoma anaforicamente a «máscara caída nas esteiras bordadas» do primeiro momento, assim fechando mais um círculo.

«Ella», por sua vez, solta um «grito de garça», retomando as «garças no tanque» do primeiro momento. Finalmente, «E-le» é retomado por «o morto», fechando o círculo iniciado com «advinharem-lhe o fim».

É assim que os sujeitos constroem (e são construídos por) cadeias de referência que partem da construção do espaço e o constroem também, numa circularidade que mimetiza a da chávena e, por extensão, do pires.

#### **4. Conclusões: «a estampa do pires é igual»**

O trabalho aqui apresentado visou mostrar como um texto – qualquer texto – pode ser ‘desvendado’ a partir da análise das formas e das construções que o integram, o caracterizam e o individualizam. O que nos pareceu relevante foi encontrar, como proposta, algumas linhas que permitem ler o texto em diferentes dimensões, recuperando as várias possibilidades de atribuir sig-

nificação ao que vemos através do que é descrito e narrado.

A aproximação com o objeto físico em si – uma taça de chá com um pires, contendo ambos a mesma estampa – é irrelevante para a história que se conta, mas é relevante pela história que se conta. As ‘personagens’ habitam as dimensões espaciais e temporais construídas linguisticamente; os acontecimentos linguísticos constroem um guião que permite a passagem do que se descreve para o que se narra. No fundo, o que pretendemos, sobretudo, foi dar conta de algumas hipóteses que nos ajudam a realizar uma leitura de um texto (visual, gráfico,...). E como acontece em todas as leituras, foi o prazer de a fazer que nos orientou. Sabendo que, afinal, tudo se passa num universo limitado por uma estampa de uma taça de chá.

#### **Referências**

- Alzamora, H. (2018). *As Perífrases Verbais no Português Europeu Contemporâneo*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. (<https://run.unl.pt/handle/10362/35961>)
- Alzamora, H. & C. N. Correia (aceite para publicação em 04.03.2020). *Estar a Vinf* em Português Europeu Contemporâneo – Valores de Tempo, Aspeto e Modo. In Schøsler, L.; Härmä, J. & J. Lindschow (orgs). *Actes du XXIXe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes, Copenhague*.
- Bronckart, J. P. (2008). Genres de textes, types de discours et «degrés» de langue. *Texto! Textes & Cultures*, XIII(1). ([http://www.revue-tex-to.net/docannexe/file/86/bronckart\\_rastier.pdf](http://www.revue-tex-to.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf))
- Campos, M. H. C. (1998). *Dever e Poder. Um Subsistema Modal do Português*. Lisboa: JNICT/FCG.
- Costa, M. L. (2014). *Os valores semânticos das preposições a, até e para em Português Europeu. Trajetórias, fronteiras, telicidade e*

topologia. Tese de Doutoramento em Linguística. FCSH-UNL (Não publicada).

Culioli, A. (1990). *Pour une Linguistique de l'Énonciation. Opérations et Représentations*. Tome 1. Paris: Ophrys.

Désclés, J.-P. (2000). Imparfait narratif et imparfait de nouvel état en français. Colloque Cracovie, Pologne, septembre 2000. (<http://www.lalic.paris4.sorbonne.fr/articles/de-scles/ImparfaitCracovie.pdf>)

Franckel, J.-J. & D. Paillard (1997). Prépositions et travail notionnel sur les termes mis en relation. Le cas de *sous* en français. In C. Rivière & M.-L. Groussier (dir.). *La Notion*. Paris: Université Paris 7, pp. 11-120.

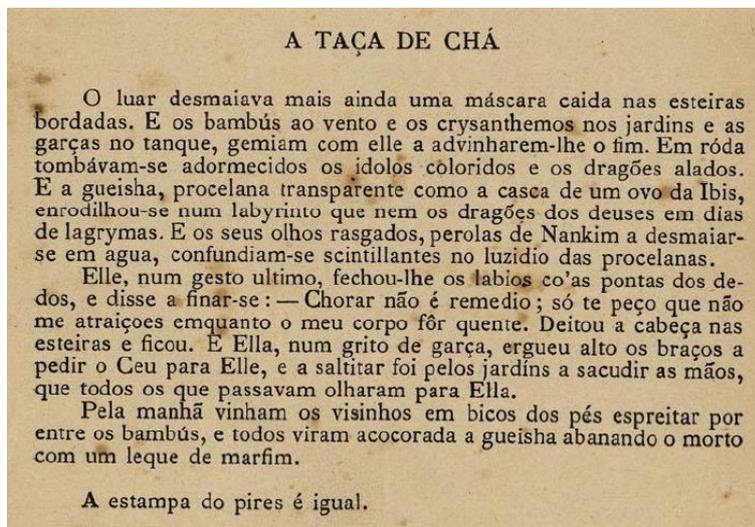
Franckel, J.-J. & D. Paillard (2007). *Grammaire des prépositions*. Tome 1. Paris: Ophrys.

Lebaud, F. (1993). L'imparfait: indétermination aspectuo-temporelle et changement de repère. *Le gré des langues* 5, pp. 160-176.

Oliveira, T. (2013). «E esta sou eu»: O papel dos sujeitos na construção do texto. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, n.º 8, pp. 187-194. (<https://clunl.fsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/T.-Oliveira.pdf>)

Sousa, O. C. (2007). *Tempo e Aspecto: o Imperfeito num corpus de aquisição*. Lisboa: Colibri/IPL.

## Anexo



Fonte: Revista *Orpheu*, n.º 1, 1915.

